

DROMEDÁRIOS NA AMÉRICA (Breves Comentários)

CARLOS STUDART FILHO

Poucos, pouquíssimos, serão, por certo, os estudiosos de nosso passado histórico e os homens de letras, em geral, que ignoram terem sido elaborados ao tempo do Segundo Reinado dois projetos visando a introduzir dromedários (*Camellus dromedarius L.*) no nordeste brasileiro, aclimando-os ao meio físico cearense.

O mais antigo, de inspiração inteiramente nossa, pois deve a sua organização ao senador José Martiniano de Alencar, nenhum significado teve.

Achando-se à frente do Governo do Ceará, na qualidade de seu Presidente (1834-1837), o ilustre homem público fez votar, pela Assembléia, e promulgou a lei n.º 63, de 25 de agosto de 1837, autorizando o Governo da província “a mandar vir das Canárias ou do Egito, por Gibraltar, dois casais de Camelos”. A autorização não logrou efeito. Leis posteriores, de 1840 e 1843, suspenderam a sua execução. (1).

A idéia que norteava o senador Alencar, em seu propósito de importar camelos e aclimá-los ao Ceará, ocorreu, al-

(1) Renato Braga, “O episódio dos camelos” **In História da Comissão Científica de Exploração**. Fort., 1963.

guns anos depois, também ao engenheiro Guilherme Schüch Capanema. E era natural que assim sucedesse.

“Aquele tempo, lembra com razão Renato Braga, sem um quilômetro de via férrea e nenhuma estrada de rodagem. toda a circulação interna do Nordeste se fazia a cavalo e em carro de boi.

Sobrevindo uma seca, morriam os animais cargueiros e rompia-se a ligação do interior com o litoral. O abastecimento do sertão tornava-se praticamente impossível, a fome crescia assustadoramente, acelerando o êxodo coletivo e fazendo milhares de vítimas.

Estudando de longe esse aspecto fundamental do flagelo. apresentou-se a Capanema, como remédio, substituir o cavalo por um animal de carga mais resistente à fome e à sede, no caso o camelo, que, nas crises climáticas, asseguraria o suprimento de gêneros de boca às populações flageladas. Por influência da Sociedade Zoológica de Aclimação de Paris, o dromedário fora introduzido nas terras áridas ou semi-áridas da Austrália e dos Estados Unidos, com resultados animadores, segundo revelava a imprensa desses países.

Amparado nesses exemplos e no posto de delegado daquela Sociedade no Brasil, Capanema atirou-se ao projeto com aquele entusiasmo que sabia transmitir às cousas que queria. Acabou por convencer o governo geral da excelência de sua idéia. Este o incumbiu de formular à Sociedade de Aclimação os quesitos sobre os meios práticos de levá-la a efeito. Respondeu um de seus membros, o naturalista Darestes, em relatório traduzido em 1857, pelo dr. Frederico Leopoldo César Burlamarque, Diretor do Museu Nacional, sob o título *Aclimação do dromedário (sic)* nos sertões do Norte do Brasil, monografia hoje raríssima. Face às manifestações favoráveis, o governo autorizou a Sociedade Zoológica de Aclimação a adquirir quatorze dromedários, quatro machos e dez fêmeas, a fim de reproduzi-los no Ceará, Província escolhida como mais apropriada a tal ensaio de aclimação.”

A operação foi realizada. “O pequeno rebanho, adquirido por intermédio do então vice-presidente da *Société Française d’Acclimatation*, Senhor Ricardo du Cantal, partiu, diz-nos um nosso informante, de Argel a 21 de junho de 1859. Viajou a bordo da barca francesa “Splendide”, que, após feliz travessia, chegou a Fortaleza, no dia 24 de julho do mesmo ano.”

Vinham os utilíssimos quadrúpedes entregues à guarda de quatro argelinos, homens rudes que, desde os primeiros dias de estada em chão cearense, se iriam mostrar ineptos e descuidados no trato dos animais de que deveriam cuidar. Desconhecendo, além disso, por completo, a língua e os hábitos das gentes do país que os acolhia, e, o que é mais importante, o meio onde iriam exercer os seus ministérios, em nada puderam concorrer para o feliz êxito da difícil e dispendiosa empresa a que se abalançava o governo.

A chegada dos ruminantes a Fortaleza, a estada de pouco mais de um mês na Capital da Província e as aventureosas peregrinação que, a seguir, realizaram pelas terras cearenses, deram azo a ocorrências trágicas e a episódios jocosos, de que muito se ocuparam as crônicas da época.

De tais sucessos dá-nos um ótimo apanhado o escrito anônimo publicado no jornal *O Povo*, de janeiro de 1934, e transcrito na *Revista do Instituto do Ceará*, do mesmo ano.

Nele, o autor traça e documenta muito bem a história das vicissitudes que assoberbaram o pequeno rebanho, e refere as enfermidades de que foram vítimas alguns dos seus integrantes. Vale ressaltar que, para redigir o escrito, serviu-se ele de vários papéis oficiais, notadamente relatórios do Presidente da então Província do Ceará, o que lhe empresta grande autoridade (2).

(2) Sobre o assunto, se manifesta igualmente Inácio Raposo, em “Martirologio do Camelo no Ceará”, artigo dado a lume no **Jornal**, do Rio. Nele, o autor estuda, de certo modo, também as causas determinantes do fracasso da tentativa de adaptar dromedários ao meio cearense e conclui pela viabilidade de tal adaptação.

“De 1859 a 1866, durante um espaço de sete anos, os dromedários tiveram filhos e foram morrendo, eles e os filhos, até que em fins de 1866 deles somente restavam quatro. A 31 de outubro do referido ano, um aviso do Ministério da Agricultura mandou-os vender em hasta pública, reconhecendo, assim, a improficuidade dos esforços oficiais feitos para aclimar os ruminantes africanos no sertão cearense. A venda só se realizou meses depois, no dia 4 de fevereiro do ano de 1867. Então, os quatro exóticos e desterrados animais estavam sob a guarda do Coronel Francisco Fidélis Barroso. Arrematou-os, pela quantia de um conto de réis, o Sr. João do Carmo. Um aviso ministerial de 27 de março aprovou essa venda.”

O destino final das míseras alimárias é desconhecido.

* * *

A experiência levada a efeito pelos poderes públicos no intuito de afazer dromedários ao meio físico cearense não foi a única realizada, com idênticos propósitos, em terras do Novo Mundo. Gustavo Barroso recorda, em um dos seus trabalhos, que ensaio análogo empreendeu-se no Peru, já no decorrer do século XVI.

“Não foi, diz ele, essa tentativa a única que se fez na América para aclimar camelos. Tenho notícias de outra no Peru ao tempo do domínio espanhol. Dela fala o abade Xavier Clavijero, na sua *História Antiga de México*, à página 321. do Tomo 2.º, edição do Departamento das Belas Artes do México, de 1917.”

Esclarecemos que referências ao fato não faz apenas o autor citado por Gustavo Barroso. Dele se ocupa, também, o escrito anônimo, embora oficioso, publicado em Madri, em 1929, pela Direção Geral da Emigração do Ministério do Trabalho, intitulado “Aportación de los colonizadores españoles a la prosperidad de América”, ou seja, “contribuição dos colonizadores espanhóis à prosperidade da América”.

A escassez do gado muar que houve no Peru nos primeiros anos da colonização espanhola, registra o mencionado documento, fez com que para lá fossem enviados alguns camelos procedentes da África. Como qualquer animal de carga, levou-os àquele país o Capitão João de Reinega, que os transportou através do istmo do Panamá. Chegados ao destino, os animais, assegura por sua vez o Padre Cobo, reproduziram-se eies de maneira notável, sem contudo se multiplicarem a ponto de ultrapassar as fronteiras do arcebispado de Lima. Alguns espécimes foram amansados para deles servirem a ponto de ultrapassar as fronteiras do arcebispado de pelas serras que correm da cidade de Lima até o vale de Ica . . .

Nem mesmo em liberdade, lograram os camelos prosperar nas serras peruanas. Em 1615, morreu o último representante da espécie, uma camela, que havia vivido mais de sessenta anos, diz Robert Ricard (*Journal de la Société des Americamistes*, Paris, 1933).

Ao que tudo parecia indicar, comenta o mesmo autor, os animais em questão teriam sido levados diretamente da África para América. E acrescenta: Um erudito canarino do Século XVII, Pedro Augustin del Castillo, em sua *Descrição Histórica e Geográfica das Canárias* (ed. Santa Cruz de Tenerife, 1818, p. 193), reivindica, porém, para a sua pátria, o ser o berço desses camelos.

“De los animales domésticos y serviles al humano uso, escreveu o canarino, hay de todas suertes, sendo el camello el de maior carga en estas islas, y de ellos, dice el padre José de Acosta, haber-los visto en el Perú, llevados de estas provincias e multiplicados alla . . .”

O fracasso total do empreendimento de nenhum modo impediu que novos ensaios para propagar os úteis ruminantes ocorressem em várias outras regiões da América.

Dromedários foram, assim, introduzidos na Virgínia, em 1701, e, um pouco mais tarde, na Venezuela e na Jamaica.

Em fins do século passado, existiam dromedários e camelos de duas bossas (*Camelus Bactrianus L*), na Bolívia, em Cuba e nos Estados Unidos (D.L.).

Ignoramos se tais informações merecem fé.

O certo é, porém, que nos dias atuais, nenhum autor, do nosso conhecimento, menciona a existência de camélicas em qualquer região do Novo Continente a não ser em parques e jardins zoológicos, como simples objetos de curiosidade pública ou para fins educacionais.

Ora, isso torna patente que, também, nos países acima mencionados, os ensaios de aclimação falharam por completo.

* * *

Malgrado tantos insucessos, a idéia que, já no século XVI, levava o governo espanhol a fazer transportar dromedários da África para a América, continuou vivaz, encontrando partidários entusiastas e decididos até em nosso país. Tanto isso é verdade que o correspondente carioca de um dos nossos diários de maior circulação, que adotou o criptônimo de Jota Efegê, informa, com efeito, haver sido sugerido ao governo da República a importação de novos espécimes desses úteis e dóceis ruminantes para aclimá-los às terras do Nordeste

Eis, em termos mais precisos, o que refere o citado jornalista: "Em fins de 1933, o professor Inácio Raposo enviou carta ao Chefe do Governo Provisório, sugerindo a criação de camelos no Nordeste brasileiro. Fazia-o, esclarecendo que, devido à semelhança de clima, tais quadrúpedes "poderiam prestar os mesmos serviços que executam no norte da África, atravessando regiões como as do deserto de Saara, onde a escassez de pasto e de água é notório".

"Tomada em consideração, foi a missiva do ilustre mestre enviada ao Ministério da Agricultura para que "dissesse"

sobre o assunto. Este a refutou recordando idêntica tentativa levada a efeito em 1959, quando para o Ceará vieram quatorze dos chamados “navios” do deserto. Naquela oportunidade, embora se fizesse acompanhar de árabes que se supunham capazes de lidar com os referidos ruminantes, todos morreram. Concluíram os técnicos que a espécie não se aclimataria em nosso país, malgrado fator favorável da semelhança de clima, aludido na carta”.

* * *

A inadaptabilidade dos dromedários às terras do Novo Mundo, é muito de notar-se, porquanto os Camelos, à maneira de vários outros quadrúpedes que vivem hoje em chão do Velho Continente, são originários da América. Os seus antepassados nelas habitaram em épocas remotíssimas, para não dizer há muitas centenas de milhares de séculos.

Gustavo Barroso, no interessante e erudito livro *Aquém da Atlântida* (pp. 91, 92) aceita tal fato como verdadeiro. Arrima-se, porém, para desse modo considerar, em autores para nós de mui minguada autoridade. Assim, no capítulo intitulado “O camelo, o elefante, o cavalo e o leão na América”, ele assegura que Scott, baseado nas afirmações de honestos cientistas, sustenta que restos fósseis de camelos têm sido encontrados na América Setentrional, no Kansas e mesmo na Meridional.”

Não esclarece, porém, quais fossem “esses honestos cientistas.” Pretende, outrossim, que Ignatius Donnelly também registra o fato, pois diz que “The fossil remains of camel are found in Africa, India, South America and Kansas.”

Pronunciando-se a respeito do assunto, Gustavo Barroso adianta, ainda, que, segundo afirmativa do escritor Miguel Triana, em *La Civilisation CHIBCHA*, “encontram-se ossos fósseis de camelo em Bosa, na Colômbia, o que está de acordo com a lenda do herói local, o civilizador Bochica, que viera de longes terras montado num camelo, conforme relatam as

NOTÍCIAS HISTOREALES DE SIMÓS. Os índios, por isso, adoram a ossada em questão.”

Tudo o que foi feito nos parece de muito pouca consistência para comprovar uma tese de tanta importância e complexidade.

O fato de Bochicha aparecer aos Chibchas montado num camelo que teria vivido em épocas imemoriais e cujos ossos eles passaram a venerar, chega a causar riso. . .

Em contrapartida, decisiva, para a comprovação do que acima afirmamos, ou seja, a alta antiguidade do camelo na América, é, sem nenhuma dúvida, o testemunho de um paleontologista do porte de Carlos Sauer. Em seu longo e documentado estudo, intitulado “A Geographic Skech of Early Man”, encontramos, com efeito, na página 539, o trecho seguinte: “At the beginning, of Cleistocene time, our Western plains held a diversified mammalian fauna of large forme, including ground sloth, gigante beaver, mastodan, horse, tapir, *CAMEL*, and wolf, and, in California, deer also”.

BIBLIOGRAFIA

1 — Barroso, Gustavo — “Os Camelos do Ceará” — *Rev. Trimestral do Instituto do Ceará*, Tomo. XLI — Ano. XLI. Fortaleza, 1927, pp. 69-74.

2 — Barroso, Gustavo — *Aquém da Atlântida* — Ed. Nacional. Rio 1931. pp. 91-92.

3 — Braga, Renato — *História da Comissão Científica de Exploração*. Fortaleza, 1963. pp. 54-58.

4 — Câmara, Fernando — “O Episódio das Secas e a Vinda dos Camelos” — *O Povo*. 2 — I — 70.

5 — “Os Camelos no Ceará” (Trabalho anônimo, publicado em *O Povo*, (7 — I — 34) e transcrito na *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo L, Ano L. Fortaleza, 1936, pp. 234-240.

6 — Raposo, Inácio — “Martirólogo dos Camelos no Ceará” — *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XLVIII. Fortaleza, 1934, pp. 237-244.

7 — Ricard, Roberto — “Sur la tentative d'acclimatation du Chameau en Amérique” — *Journal de la Société des Americanistes*. Tomo XXV, Paris 1933. pp. 314 a 315.

8 — Sauer, Carlos — “A Geographic Sketch of early man in America” *Geographical Review*, vol XXXIV — n.º 4. Nova York, outubro — 1944. pp. 529 a 574.

9 — Lappler, Jorge “Fossil Bonanza” (Parte II) — *Natural History*, novembro 1960. pp. 65 a 75.

Transcrito do jornal *Correio do Ceará*, 22 de dezembro de 1975, Fortaleza.